

OS PRIMEIROS CONTATOS ESTABELECIDOS ENTRE OS XOKLENG E OS IMIGRANTES ITALIANOS NA CIDADE DE URUSSANGA, SANTA CATARINA

Ketilin Keli da Silva
Deisi Scunderlick Eloy de Farias

Resumo:

Esse artigo é parte do trabalho de conclusão do curso de História e teve como objetivo principal identificar de que forma ocorreram os primeiros contatos entre o índio Xokleng e o imigrante italiano em Urussanga e de que maneira esses conflitos gerados por diferenças culturais, levaram a muitas vítimas e consequentemente, a extinção do grupo indígena na região. Passadas muitas décadas, esse momento da história ainda está presente na memória da população de Urussanga, fato esse identificado através de entrevistas realizadas com os moradores mais antigos do município.

Palavras-Chaves: Índio Xokleng, imigrante, conflito, memória.

Abstract:

This article is part of the job of completing the course of history and aimed to identify how they were the first contacts between the Indian and Italian immigrant in Xokleng Urussanga and how these conflicts caused by cultural differences, led to many casualties and hence the extinction of the indigenous group in the region. After many decades, this moment in history is still present in the memory of Urussanga population, a fact identified through interviews with older residents of the county.

Keywords: Indian Xokleng; immigrant, conflicts, memory.

Introdução

Esse artigo discute como ocorreu o contato entre os italianos, que migraram para o sul do Brasil no século XIX e os índios Xokleng na cidade de Urussanga, SC. A partir do ano de 1870, o Brasil começou a receber os primeiros imigrantes italianos, impulsionados por problemas socioeconômicos que estavam ocorrendo no Continente Europeu, atingindo grande massa da população italiana. Nesse período, a economia baseada na agricultura e no regime escravocrata entrava em declínio, dava lugar a um modelo econômico pautado na indústria, necessitando de mão-de-obra especializada. Além disso, havia a pressão internacional pelo fim da escravidão e um movimento de branqueamento e europeização da sociedade nacional, que não concebia o negro livre com competência para entrar no novo sistema produtivo. As ideias racistas de superioridade do homem branco que se espalhavam por todo o mundo geravam o fortalecimento do nacionalismo e consequentemente, a necessidade de construção de uma identidade nacional baseada nos padrões europeus, que o Brasil ainda não possuía (CARUSO, 2007; Selau, 2010) Diante desse quadro, se facilitou a entrada de imigrantes europeus que ocuparam o sudeste e o sul do Brasil (CARUSO, 2007; FURLAN, 1997; BALDESSAR, 2007). No sul de Santa Catarina italianos ocuparam e fundaram, em 1877, a colônia de Azambuja, hoje distrito do município de Pedras Grandes. Essa localidade foi considerada a principal colônia italiana da

região, recebendo em 28 de abril do mesmo ano, aproximadamente 90 famílias de origem italiana (SELAU, 2010; CARUSO, 2007; MARZANO, 1985).

Em 1878, inicia a colonização de Urussanga, que dependia comercialmente da colônia vizinha de Azambuja. O processo de ocupação, foi igual em toda parte do Brasil, o imigrante chegava, recebia um pedaço de terra, desmatava, construía a casa, plantava a roça de milho, mandioca, batata. Em nenhum momento se considerava a presença indígena na região, que lentamente ia se fazendo presente. Inicialmente, o contato fora amistoso, de reconhecimento, no entanto, essa situação durou pouco, e os conflitos foram intermitentes, gerando perdas humanas para ambos os grupos, culminando com a extinção dos Xokleng na encosta sul de Santa Catarina.

Muitas são as histórias que justificavam as causas desses conflitos, atribuindo a culpa ora ao índio, ora ao imigrante. O que de fato sabemos é que essa guerra deflagrada, principalmente pelo descaso das autoridades, gerou uma convivência difícil entre esses dois povos de culturas tão distintas (FARIAS, 2005; SANTOS, 1987; SELAU, 2010; BALDESSAR, 2007).

Para entender esse conflito, buscou-se respaldo em referenciais teóricos que justificavam a construção ideológica do selvagem e do civilizado (TYLOR, 1871), promovendo um sentimento de superioridade étnica dos imigrantes sobre os indígenas. Entendeu-se as mentalidades dos dois grupos nesse período, buscando compreender a relação que cada um tinha com o território ocupado, economia, propriedade e organização social da paisagem (CLASTRES, 1986; MAUSS, 2003).

Utilizou-se ainda, a metodologia da História Oral a fim de investigar através de entrevistas com moradores, descendentes de italianos que residem em Urussanga, se esse momento histórico ainda fazia parte da memória local. As entrevistas objetivaram compreender de que formas as ideologias, costumes e mentalidades impulsionaram os conflitos entre os povos indígenas e os imigrantes italianos.

Com isso, buscou-se esclarecer se os conflitos ocorridos contribuíram para a extinção dos grupos indígenas que habitavam a antiga colônia e atual cidade de Urussanga.

Conflitos entre o imigrante italiano e o grupo Xokleng em Urussanga – SC.

A fim de compreendermos a origem sócio-cultural dos conflitos entre os Xokleng e o imigrante italiano, analisou-se as diferenças dos dois grupos envolvendo: sociedade, economia e trabalho.

As sociedades indígenas estavam pautadas em padrões muito distintos das sociedades européias, por isso durante muito tempo foram vistas de maneira negativa, consideradas sem

Estado, sem escrita e sem história (CLASTRES, 1978). Uma característica marcante dessas sociedades era a organização em cacicados¹, que regulava os setores econômico, político e social do grupo, o poder político não possuía caráter hereditário e a escolha do líder se pautava na sua bravura e comportamento. Para Cunha (1992: 424):

Essa bravura era explicada pela dotação de poderes sobrenaturais. Suas responsabilidades eram solucionar querelas internas, decidir o momento e o local adequado para as migrações, além de orientar a guerra.

No período de ocupação européia, o índio de um modo geral era visto como um selvagem desalmado, e assim sendo, não teria direito a vida. Conforme Santos (1987: 97) o que se ouvia nas colônias a respeito dos Xokleng, era que “o índio não era exatamente humano”. Farias (2005: 92), avalia que os Xokleng não eram de interesse dos bandeirantes paulistas, que consideravam mais viável submeter o índio Guarani do que o Xokleng, ponderava-se sobre a falta de civilidade e ferocidade desses grupos, que ocupavam o planalto e a encosta de Santa Catarina. Os europeus, que chegaram ao sul do Brasil na segunda metade do século XIX consideravam a “... *civilização como algo irresistível e, na ótica européia (...) não haveria povo que não se dispusesse a isso*”. Porém, os Xokleng resistiram a essa dominação, que os condenaria a morte:

A reputação que se constrói sobre os botocudos é da ferocidade, do indomável, o que não aceita curvar-se a civilização. Esta reputação serviu de base para a elaboração de um pensamento que condenava os botocudos à morte, uma vez que não sendo possível o contato amistoso com a civilização, sua morte passa a ser vista como um fator necessário à apropriação e integração de vastas áreas ocupadas por estes grupos aos interesses econômicos do Império, razão pela qual se declara uma verdadeira guerra aos botocudos ao longo do século XIX (SELAU, 2010: 133)

Antes da chegada dos imigrantes, sabe-se que ocorriam disputas políticas e territoriais entre os diversos grupos indígenas que ocupavam o território brasileiro, no entanto com a chegada dos europeus, essa luta tornou-se desigual, o que gerou o extermínio de diversas etnias (FAUSTO, 2005; MELATTI, 2007, DIAMOND, 2007).

A economia desse grupo era baseada na caça, coleta e uma pequena agricultura, não entendiam o conceito de público e privado, da mesma forma que desconheciam o território como um elemento de valor comercial como era defendido pelo imigrante europeu.

O sustento do grupo era retirado da mata, por isso, detinha um vasto conhecimento sobre ela possuindo “*informações acuradas sobre a diversidade biológica e as potencialidades*

¹ Para saber mais sobre cacicados ver: NEVES (2006), MELATTI, (2007), PROUS (1992), FAUSTO (2005).

de la resultantes para a captação de recursos naturais” (POSEY, 1986: 19). Dentro da perspectiva econômica, tem-se ainda a ideia de trabalho, diferenciada para os grupos em debate. O fato dos índios não produzirem excedentes, uma vez que *“só dedicavam pouco tempo àquilo a que damos o nome de trabalho”* (CLASTRES, 1978:135), fazia com que os imigrantes os vissem como indolentes e preguiçosos.

Essa mentalidade fez com que os imigrantes, se considerassem superiores aos índios, justificando o extermínio dessa população pela pouca “afabilidade” do grupo em se deixar levar pelo “processo civilizatório” europeu.

A postura dos europeus em relação aos mesmos passou a ser de indiferença, pois a ideia de seleção natural justificava o comportamento predominante entre os brancos em relação aos indígenas, ou seja, o extermínio dos mesmos passava a ser visto de forma natural e como uma etapa evolutiva da civilização, já que poucos eram os que reconheciam nos indígenas uma sociedade digna de respeito e, no caso dos botocudos, menos ainda era o número de pessoas que acreditavam que os mesmos poderiam conviver com o modelo de civilização europeia. (SELAU, 2010: 141)

Avaliando essas diferenças socioculturais entende-se o motivo dos conflitos e do extermínio da população indígena no município de Urussanga, que hoje apresenta traços marcantes da cultura europeia, com enfoque nos grupos imigrantes da Itália, e total ausência de descendentes dos Xokleng.

Na busca em entender a motivação dos conflitos entre italianos e índios, realizamos entrevistas com alguns moradores antigos de Urussanga, que através de um roteiro de perguntas, expuseram as histórias que ouviam de seus parentes sobre o contato e conflitos com os índios.

Oralidade e mentalidade: a visão do colonizador sobre o contato com o grupo Xokleng

As entrevistas realizadas com moradores de Urussanga tiveram como objetivo identificar as causas da vinda dos imigrantes italianos para o município e entender como se deram os primeiros contatos desses grupos e os índios Xokleng, procurando analisar de que forma esses conflitos geraram tantas vítimas e conseqüentemente, a extinção do grupo indígena no município.

Procuramos então, utilizar os dados obtidos com as entrevistas e com a pesquisa bibliográfica, para analisar, comparar e encontrar uma relação entre elas. A metodologia utilizada foi a História Oral, que segundo Delgado (2010: 15):

...é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

A metodologia da História Oral nos possibilita, então, a construção de uma nova fonte de informações, uma vez que os dados obtidos serão registrados, transformando a memória em documento, que passará a ser fonte de pesquisa. É a memória do entrevistado que nos possibilita fazer a leitura dos acontecimentos em outro contexto, diferente do que temos na história oficial. Para Alberti (2004: 77), uma das principais bases da História Oral é a narrativa da memória do entrevistado:

O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa.

Neves (2000: 109) avalia a importância do ato de “rememorar” para a construção de uma História plural e coletiva:

Quando se emprega a metodologia da História Oral, um projeto previamente elaborado por historiadores orienta o processo de rememorar e relembrar sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade. (NEVES, 2000: 109)

Alberti (2004: 35) se utiliza de Lutz Niethammer para distinguir dois níveis de memória, a ativa e a latente, a primeira é aquela que utilizamos no dia-a-dia e precisamos ter a nossa disposição e a segunda é aquela que está oculta e que necessita de associações para ser recuperada. É nessa última memória que a metodologia de História Oral trabalha, através do uso de conversas e questionamentos, consegue-se que o entrevistado relembre de tempos e fatos guardados na sua memória: “*não é, portanto, um compartilhamento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida*” (DELGADO, 2010: 15)

Diante da ausência de descendentes de Xokleng em Urussanga, fez-se entrevistas apenas com descendentes de italianos. Escolhemos como entrevistados, três pessoas idosas e com grande conhecimento sobre o assunto. Foram eles: Adão Betiol (88 anos); Zelinda Pelegrin (81 anos) e João Trento (99 anos). Os três assinaram o termo de consentimento, aceitando que o conteúdo de suas entrevistas fosse divulgado nessa pesquisa.

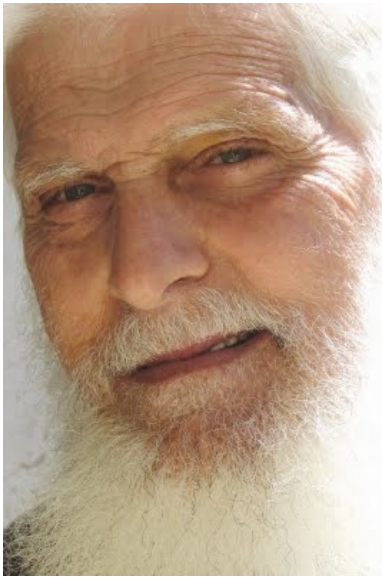


Figura 04: Adão Bettiol
Fonte: Lente Vanguarda, 2009.



Figura 05: João Trento
Fonte: Lente Vanguarda, 2009.

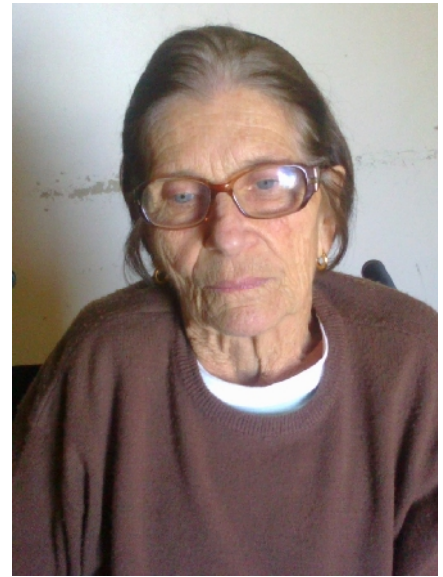


Figura 06: Zelinda Pelegrin
Fonte: a autora.

Para realização das entrevistas estabelecemos um roteiro, focando na vinda dos imigrantes, os primeiros contatos e os conflitos entre os grupos estudados. O roteiro da entrevista foi assim definido:

a) Quais motivos levaram sua família a vir para o Brasil? Quais benefícios eram oferecidos pelo governo da época?
b) Você conheceu algum índio ou ouviu falar sobre eles? Quais características desse grupo mais lhe chamava a atenção?
c) Que lembranças você tem sobre os primeiros contatos do índio com imigrante italiano?
d) Quais lembranças você guarda sobre os conflitos e mortes entre de italianos e índios no período de colonização?

Além de orientar a pesquisa o roteiro teve como objetivo incitar o entrevistado a revelar uma parte da história recente do município. Se considera que: “*ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido*” (ALBERTI, 2004: 77),

Discussão e análise das entrevistas

Ao iniciarmos o primeiro questionamento, que trata dos motivos da vinda dos imigrantes italianos para o Brasil no século XIX e sobre quais benefícios foram oferecidos pelo governo da época, o entrevistado Adão Bettiol, relatou sobre os membros de sua família que vieram para o Brasil e a situação na Itália naquele período:

Vieram meu avô, minha avó e quatro filhos. Vieram porque tinha uma crise muito grande, eles queriam vir embora. Tinha gente que vinha com 80, 90 anos que abandonaram tudo e vieram. Tinham prometido que aqui era melhor, porque na Itália era só pedra e não tinha mais nada, para fazer um canteiro de cebolinha tinha que juntar terra na estrada e levar em cima das pedras fazer uma cama para plantar, porque não tinha mais pasto.

A Sra. Zelinda Pelegrin, informou que seus avós Carlos Martignago e Rosa Bonn, chegaram ao Brasil uma semana antes do natal, a entrevistada foi criada pelos avós que contavam muita coisa para ela. *“As dificuldades era que na Itália havia uma grande quantidade de população, então os governos, que era rei naquela época, resolveram fazer imigrações e partiram. Não tinha onde mais eles se ocuparem, no trabalho”*. Contaram ainda que: *“O governo da Itália prometeu que aqui no Brasil eles, os imigrantes, iam ganhar terra e casas e iam continuar trabalhando para progredir, mas chegaram aqui no meio do mato, no meio da floresta.”*

O terceiro entrevistado, João Trento, disse que foi seu pai quem veio para o Brasil com apenas 16 anos para trabalhar, e também confirmou a crise na Itália: *“Pedro Trento, meu pai veio para o Brasil com 16 anos, vieram porque não dava mais para viver lá, não tinha serviço não tinha nada, daí foram vir pra cá. Meu pai tinha o dinheiro só para o navio, e aqui teve que vir a pé”*.

A promessa de melhora de vida fica bastante clara na seguinte colocação *“tinham prometido que aqui era melhor”* e sobre promessa e ajuda, Adão disse que era escassa, pois havia muito imigrante em Urussanga: *“Eles ajudavam no armazém que tinha milho, charque, então cada vez por mês, ou cada quinze dias não lembro bem, eles ganhavam tipo uma cesta básica”*.

A entrevistada Zelinda Pelegrin também fala sobre a ajuda do governo:

O governo ajudou com a passagem, e quando chegaram no Rio de Janeiro ficaram apavorados, encontraram uma mesa enorme e comprida cheio de queijo ralado e eles não conheciam, era farinha de mandioca, a minha avó cansou de contar. Farinha de mandioca para eles comerem, eles não conheciam, na Itália não tinha, então achavam que era queijo ralado, olharam de longe e acharam aquela fatura de queijo ralado e não era.

Já João Trento, ao ser questionado sobre a ajuda do governo, afirmou que *“O governo não ajudou com nenhum vintém”*. De acordo com a declaração de João Trento, algumas famílias teriam vindo ao Brasil sem qualquer benefício do governo. O entrevistado conta que seu pai veio para o Brasil ao ser motivado por um tio que já vivia aqui há algum tempo: *“Tinha um tio de meu pai que estava há 5 anos aqui no Rio Carvão Baixo (Urussanga), ele escrevia carta que aqui tinha de tudo, mas não tinha comércio, não tinha nada, só em Pedras Grandes”*.

As promessas alimentaram tanto a esperança dos imigrantes italianos que Adão disse que a viagem de navio durou 36 dias e que os imigrantes cantavam a música “[...] *Merica, Merica, Merica, cossa saràlo ‘sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior* [...]”² “Eles acharam aqui um jardim, mato, não era o que tinham prometido, tinha mata virgem, animais ferozes, cobras venenosas, índios, pensando bem era de arrepiar os cabelos”, conta Adão. O entrevistado, disse ainda, que ao chegar aqui, os imigrantes sentiram-se enganados, tristes com o que viram:

Aí eles diziam: “o bem, o mal, tem que ir”, quando eles sentavam numa pedra para conversar, e não viam ninguém, muitos choravam e diziam que queriam voltar, dizendo: “dou minha alma para o diabo para ele me levar para lá de novo porque aqui não quero ficar” aqui só tem “mato, bicho”. Mas outros não, diziam que era bom aqui, a terra era boa, tinha de tudo aqui.

Adão disse que os imigrantes passaram muita dificuldade, e a promessa do maço de flores não foi cumprida, na verdade era apenas muito mato e bugres, como eram chamados os índios.

Zelinda fala sobre a grande revolta dos imigrantes ao chegar em território brasileiro, pois a esperança de vida melhor ficara somente na promessa:

Os imigrantes ficaram revoltados, eles chegaram, vieram até o Rio de Janeiro, de lá vieram de navio até Florianópolis, revoltadíssimos. Em Florianópolis eles não encontraram nada para eles e de lá vieram até Tubarão de barco, pelo rio, e de Tubarão para cá vieram a pé trazendo sacolas, algumas ferramentas, e tudo que lhes pertencia. Mas foi um desgosto muito grande porque não encontraram nada do que foi prometido.

Ao chegar a Urussanga, os imigrantes tiveram que derrubar a mata para construir suas moradias e iniciar a plantação de alimentos para subsistência e comércio que já existia na região.

E o entrevistado João Trento conta que o ofício de seu pai ao chegar a Urussanga era bastante necessário e não faltava trabalho: “*Quando meu pai veio, ele pegou serviço de abrir picada, extremas de terra e tudo, em Urussanga, por tudo, era só mato e tinha que cortar o mato*”. Sobre a construção das casas, Zelinda Pelegrin explica como eram feitas:

Para construir as casas eles cortavam a madeira e levantavam os postes e a parede, um padre franciscano ensinava os imigrantes a cortar as madeiras para fazer a armação da casa e com folhas de palmeiras eles cobriam as casas deles.

² Tradução www.letas.mus.br: América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América. É um lindo ramalhete de flores. [Folclore Italiano] Merica-Merica (1875).

Zelinda, também, fala sobre a ajuda que o governo italiano deu para iniciar as plantações: “o rei da Itália mandou um agrônomo italiano chamado de Cavalassi para ensinar os agricultores a plantar o fumo, junto veio um espanhol técnico para ajudar no preparo do fumo de corda”.

O segundo tópico da entrevista foi em relação aos índios, enfocando as características desse grupo que mais chamavam a atenção dos imigrantes. O entrevistado Adão Betiol destacou que:

Ali em Rancho dos Bugres era a casa deles, oca, toda feita de palha, só tinha uma porta, porque de noite era mais quente. Eles se vestiam com uma tanga na frente, algumas tribos era natural mesmo “como Deus mandou” e não tinham vergonha, não conheciam comprar, não tinha fábrica, então eles ficavam nus, viviam da caça e da pesca. Tinha índio por toda a cidade, cada tribo tinha seu local, não eram todos juntos.

Zelinda Pelegrin foi breve ao falar sobre os índios “Os índios não usavam roupa, tinham uma tanga”. João Trento também faz menção a pouca vestimenta do índio: “O índio usava um pouco de folha de caeté” para cobrir o corpo e que “o pote deles tinha cera de abelha para que não passasse água” fazendo referência aos cestos de palha impermeabilizados.

O terceiro tópico avaliado foi em relação aos primeiros contatos estabelecidos entre os imigrantes italianos e os índios Xokleng. Esta pergunta objetivou entender de que forma se deram os primeiros contatos e o que teria levado a tantos conflitos. Sobre esse assunto o entrevistado Adão Betiol disse:

Com os índios nunca tiveram contato porque o índio vinha e roubava as plantações, matava os animais. Eles tinham muita raiva dos colonos italianos, porque os verdadeiros proprietários eram os índios. Houve muito massacre, muita morte.

A entrevistada Zelinda Pelegrin diz que foi um momento difícil e que os conflitos, logo de início foram muitos:

O momento com os índios foi muito triste, os italianos achavam que tinham direito de cuidar de todas as terras de tudo que havia aqui e os índios achavam que eles não tinham direito, porque eles que tinham nascido aqui, eram os que estavam cuidando das matas, e eles se revoltaram contra os imigrantes. Os índios se revoltaram e usavam as flechas e mataram vários (...). Os índios quiseram avançar neles, querendo expulsá-los, mas não conseguiram porque eles já tinham a ordem de se estabelecer aqui, e não é só aqui, toda a redondeza do município, Siderópolis, Treviso, Urussanga e depois Criciúma que foi mais tarde.

João Trento fala que a tarefa de cortar árvores para povoar as terras era difícil: *“era só dar uma machadada que vinha a flecha e quem é que tirava? Porque era igual um anzol, se puxa vem as tripas, e naquele tempo não tinha nada de médico, se fosse hoje era outra coisa”*.

O entrevistado falou também sobre o medo que o índio tinha da espingarda dos imigrantes: *“quando ele enxergava a espingarda o bugre fugia para o mato, tinha medo, porque uma vez ele viu uma espingarda ali, ele pegou a espingarda olhou por dentro, mexeu, mexeu e saiu um tiro e o bugre se foi, ele tinha medo”*.

O entrevistado Adão Betiol, aproveitou para falar sobre a primeira missa realizada no Brasil e sobre a curiosidade dos índios:

A primeira missa que foi celebrada aqui no Brasil foi Frei Henrique de Coimbra e o outro foi Padre Emanuel de Nóbrega, então os bugres estavam tudo apavorados vendo os padres celebrar a missa então, eles se penduravam nas árvores para assistir a missa, vieram bastante e era novidade para eles.

Os entrevistados também falaram sobre a catequização do índio, que acabou não tendo muitos resultados positivos. Adão disse: *“Eles tentaram catequizar os índios, mas não conseguiram”*. O entrevistado ainda contou em conversa informal, que ouviu falar sobre um padre italiano que veio para Urussanga e ao retornar para a Itália, teria levado um índio com ele, de nome Acary. No livro do Pe. Marzano, há uma foto de um índio com este mesmo nome, ele está vestido no estilo europeu, porém no livro não há nenhuma menção sobre a possível adoção.



Figura 09: Pequeno índio – Acary – Conviver com os imigrantes. Fonte: MARZANO (1904: 43)

Já Zelinda disse que a catequização funcionava apenas com as crianças: *“Os índios eram catequizados, os pequenos aceitavam a catequização, eles trouxeram os índios roubados da floresta e depois adotaram e trouxeram para o centro”*.

Sobre os índios que eram retirados do convívio com as tribos e levados para catequização e adoção, João Trento lembra que o comportamento deles era de estranhamento: *“E meu pai dizia que os índios pequenos apontavam e cutucavam os italianos, ficaram um tempo e depois foram levados para Florianópolis, daí não sei que fim que deu”*.

O último ponto debatido foi em relação as lembranças referentes aos conflitos ocorridos entre imigrantes italianos e índios Xokleng em Urussanga. O objetivo deste questionamento foi entender de que forma os conflitos levaram a tantas vítimas e consequente extinção do grupo indígena na cidade.

Todos os entrevistados discorrem sobre vários casos de mortes de imigrantes italianos nos conflitos com os índios. O entrevistado Adão Betiol fala sobre o furto frequente nas plantações feitas pelos imigrantes, um dos motivos dos conflitos: *“Os índios gostavam de roubar as plantações, milho, mandioca e eles comiam tudo verde, não cozinhavam, comiam cru e com a mandioca faziam uma bebida para as festas”*. João Trento contradiz, em parte, essa

informação: “*O índio começou a roubar, roubar milho, roubar tudo, imagina, numa noite era uma turma e quanta espiga de milho eles levavam? Faziam fogo e assavam o milho na roça de noite*”. João Trento fala sobre outros furtos: “*os imigrantes estavam fazendo um rancho para morar, eles pensaram ‘essa noite não vem ninguém aqui, vamos deixar as ferramentas’*”, e de manhã as ferramentas não estavam mais, os bugres haviam roubado”. O entrevistado João Trento também cita a língua como um fator que agravava os conflitos: “*ninguém compreende a língua daquela gente (índio)*”.

Ao questionar sobre episódios de conflitos e mortes que os entrevistados tinham conhecimento, Adão lembrou-se do caso de uma mulher, imigrante italiana que teria sido levada pelos índios:

Um dia uma senhora, era da família Coral, esposa de Natal Coral e ela tava na roça e levaram a mulher, ela tava sozinha. E então o marido tinha chego que tinha ido viajar ou caçar, sei lá, a mulher não tava e de noite não veio e no dia seguinte também não veio e os índios levaram ela viva, para o mato, o cacique então ficou como marido dela e tratou muito bem, eram muito bem tratada e quando o cacique saia, deixava um guarda para ela não fugir, ela era branca, né? E então ela escrevia nas pedras com carvão assim “*vocês vem mais pra frente que vocês me encontram, que eu não estou morta, estou viva e quero voltar para casa*” e quando teve oportunidade ela fugiu, e quando fugiu estava grávida, e teve um filho de um índio.

A entrevistada Zelinda Pelegrin também citou o mesmo caso, porém atribui o fato a vingança dos índios:

Os índios de vingança dos imigrantes levaram a mulher deste casal, levaram a mulher para a floresta e não soltaram mais e eles fizeram o que bem entenderam e ela ficou grávida e ganhou uma criança, que era filha de índio.

João Trento também menciona o caso:

Os índios roubaram uma mulher de um senhor que fazia picada por tudo, ela foi buscar um balde de água e quando se *acrocou* o bugre abraçou e levou. Ela ficou grávida depois do bugre. Então o marido procurou, procurou e acabou achando o local onde os índios estavam. Foram achar ela amarrada em Araranguá.

O entrevistado Adão comenta ainda a história de uma mulher que teve seu animal morto e levado pelos índios: “*uma senhora estava ordenhando a vaca para dar leite para as crianças, deram uma flechada na vaca e mataram a vaca. A mulher fugiu e dali uma meia hora, tinham carregado a carne, tinham carregado tudo*”.

Uma história bastante conhecida e comentada em Urussanga é a da mãe que assustada com a presença dos índios, botou sua criança pequena em um baú e foi pedir ajuda aos vizinhos, ao retornar, o filho estava morto:

A viúva tava em casa com as filhas, e os bugres chegaram, ela pegou um no colo, e um nas costas e a menina de doze anos ela botou dentro do baú e chaveou, e fugiu chamar o socorro do vizinho que era como daqui até na estação um pouco mais, e os bugres foram lá e levantavam a caixa assim e jogavam para cima até que abriu a fechadura e então a menina estava morta, porque saiu sangue dos ouvidos, jogava muito alto, com força no chão o baú, ela era da família De Brida.

Zelinda Pelegrin conta uma versão diferente da mesma história: “os imigrantes foram trabalhar e deixaram uma criança dormindo em casa e esconderam embaixo da cama e os índios vieram revoltados, e foram derrubando tudo e mataram a criança”.

João Trento também cita o caso, com um pouco de desaprovação pela atitude da mãe:

A mulher tinha 4 filhos e bateu o bugre lá, então ela pegou 3 filhos e, um que era menor ela botou no baú, o mais moço que não andava, mas que cabeça dessa mulher, não podia pegar todos e andar? E os bugres vieram e mataram a criança.

Com o aumento cada vez maior de apropriação de alimentos e objetos pertencentes aos imigrantes e com o número crescente de mortos, os imigrantes passaram a se organizar para fazer incursões nas matas à procura do local onde os índios habitavam, para exterminá-los. Sobre essas incursões, Adão Betiol conta o episódio do massacre de uma tribo indígena e o corte das orelhas como prova das mortes:

Eles foram então, num dia de festa na casa dos índios e tinha dois índios tocando flauta em cima do telhado e os outros dançando, então os colonos foram e fizeram um massacre. E depois para provar que tinha cometido aquilo cortaram a orelha de cada um.

Sobre a promessa de dinheiro pelas orelhas, João Trento conta: “tinha sido prometido 50 cruzeiros para cada orelha, mas não receberam nada. Não sei quantas orelhas eram, mas foram bastante porque amarrou um cipó na manga e encheu a manga do paletó de orelha”.

Após o massacre, os imigrantes teriam visto algumas crianças no local, que ficaram protegidas nas redes, mas segundo João Trento “*os italianos decidiram não matar e levar*”. Teriam ainda poupado uma menina que segundo o entrevistado Adão era muito bela, no entanto, ela teria lutado contra os imigrantes, mordendo, arranhando, acabando também sendo morta, segundo ele: “*passaram também o facão no pescoço, degolaram*”.

Sobre o aprisionamento de índios, Zelinda Pelegrin conta que era preciso trancar os lábios dos índios para que eles não se comunicassem com outros integrantes de suas tribos “*elas colocavam tipo um cadeado para prender os lábios porque os índios gritavam e se chamavam*

de uma tribo para a outra, eles se comunicavam através das flechas, através de gritos". Adão conta que *"naquele tempo o governo mandou matar os índios"*, fato que confirma o apoio que o governo teria dado aos imigrantes nestas incursões, ajudando com armamentos. A entrevistada Zelinda comenta sobre a diferença da arma do índio e do imigrante:

Muitos índios morreram também, porque os índios não usavam, por exemplo, espingarda, revólver, mas usavam a flecha, imagine uma flecha daquela com aquela pedra que batesse na testa ou no coração, deixava a pessoa morta.

Os entrevistados também falaram sobre a extinção do grupo indígena no município de Urussanga, e atribuem isto a diversos fatores. Adão Betiol cita que os índios foram embora porque quiseram se mudar:

Na vara do Rio Caeté com o Rio Urussanga, eles saíram às 10h horas de um dia e foram embora, deixaram ainda as panelas penduradas na lareira, que faziam de madeira, e aí a menina tava em casa e ela veio apavorada porque aos domingos, o padre rezava o terço e depois as moças e os homens iam no rio juntar pedra para fazer a igreja, então ela chegou e disse "pai, bugre, bugre" então correram todos, então o padre guardou o terço e pegou a sineta e todo mundo foi atrás e quando chegaram lá os bugres estavam em cima de uma pedra e lá fizeram uma despedida com bambu, casca de milho e cantaram e se despediram e não fizeram mal a ninguém.

A Sra. Zelinda Pelegrin disse que: *"eles foram sumindo porque cada vez mais ia tendo grupo de imigrantes, e depois com a força do povo, de autoridades e políticos eles foram se separando"*.

Os fatores apontados indicam que a extinção dos índios na região de Urussanga foi resultado da ocupação efetiva de imigrantes italianos e dos conflitos oriundos dessa ação, que culminou com uma guerra civil, responsável pelo extermínio do grupo Xokleng na região de Urussanga.

Conclusão

Essa pesquisa no município de Urussanga possibilitou a discussão dos fatores sócio-culturais que levaram imigrantes italianos e índios Xokleng a entrarem em conflito, levando o segundo grupo ao extermínio. A pesquisa foi realizada unindo fontes bibliográficas e orais. Ao analisar os fatores que fizeram com que os imigrantes italianos viessem para o Brasil, percebemos que eles foram utilizados pelos governos italiano e brasileiro para atender a interesses sócio-econômicos dos Estados capitalistas. De um lado, havia a Itália querendo se livrar de uma população numerosa que não tinha como se manter em um país em crise. As

fábricas já não possuíam mais vagas para oferecer e o governo não conseguia dar assistência a todos.

De outro lado, o Brasil que estava em pleno processo de construção de uma nacionalidade branca, em detrimento dos grupos indígenas e negros que eram a maioria da população. No plano político econômico, havia, ainda, a pressão da Inglaterra, para que o Brasil abolisse a escravidão e contratasse trabalhadores assalariados, que comprariam os produtos ingleses. Trazer imigrantes italianos para o Brasil era um bom negócio para ambos os países, que entraram em acordo e iniciaram uma grande campanha de imigração.

Com o estudo dos conflitos entre imigrantes e índios foi possível perceber a imagem que se fez do índio, sem levar em conta as diferenças sociais e culturais dos grupos envolvidos. Podemos afirmar que, diante de tantos conflitos ocorridos, não só em Urussanga, mas em toda a região colonizada por italianos, o índio Xokleng acabou desaparecendo, já que não puderam competir com um grupo apoiado pelo governo brasileiro e superior belicamente que queria defender suas terras recém adquiridas.

A motivação dos imigrantes em exterminar essas populações indígenas se pautava na defesa das suas terras e no ganho financeiro que essa ação proporcionaria, uma vez que cada orelha valeria cinquenta cruzeiros. Assim, a figura do bugreiro, presente em várias cidades da região sul de Santa Catarina, não aparece em Urussanga, pois os próprios colonos se incumbiam da matança. Esses caçadores de índios permanecem na invisibilidade, pois ao questionarmos os entrevistados se algum parente havia matado um índio, todos responderam que “não”. Com isso, podemos dizer que enquanto em outras cidades se diz que fulano de tal matou tantos índios, em Urussanga não são citados nomes dos autores dos massacres.

Outro fato importante é a gravidez de algumas mulheres capturadas pelos índios e, posteriormente recuperadas. Em nenhum momento se fala da criança, se foi registrada ou abandonada, desconsiderando totalmente sua origem indígena, invisibilizada em uma cidade construída sobre um modelo étnico italiano.

Enfim, a pesquisa nos faz refletir sobre a cultura como elemento de memória coletiva, já que é vista sob a ótica de diferentes grupos e como eles reagem ao seu passado gerando focos de invisibilidade histórica ou acentuando fatos que são considerados importantes. Esse movimento de repúdio e valorização dá pistas ao pesquisador, que busca entender nas entrelinhas da memória, traços de uma cultura ida.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

- BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes**, sua história, costumes e tradições. 3 ed. Forquilha, SC: Formsul, 2007. 314 p.
- CARUSO, Mariléa Martins Leal. **Imigrantes 1748 – 1900: Viagens que descobriram Santa Catarina**. Tubarão: Ed. Unisul, 2007. 296 p.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política**. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986. 152 p.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESC, 1992. 607 p.
- _____. **Os direitos do índio: ensaios e documentos**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 230 p.
- DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina: documentário**. Florianópolis: Lunardelli, 1983. 182 p.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 135 p.
- DIAMOND, Jared M. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 472 p.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. **Distribuição e Padrão de Assentamento: propostas para sítios da tradição umbu na encosta de Santa Catarina**. Porto Alegre: PUCRS, 2005.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. **Brava e buona gente, cem anos pelo Brasil**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1997. 486 p.
- GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, p. 201-210
- LENTE VANGUARDA. **Título: Adão Bettiol (85) , João Trento (97)**. Disponível em: <<http://lentevanguarda.blogspot.com.br/2009/10/gente-da-terra.html>>. Acesso em: 27/06/2012.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. Cosac & Naify, 2003. Sétima parte: morfologia social
- MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 1985. 200 p.
- _____. **Coloni e missionari italiani nelle foreste del Brasile**. Tipografia Barbera, Firenze, 1904.
- MARQUES, Agenor Neves. **Imigração italiana**. Criciúma, Gráfica Ribeiro, 1977.
- NEVES, Lulícia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. In: GOMES, Angela de Castro. *et al.* **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**. n.3, jun.2000. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. v.3 109-116p.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Porto Alegre: Movimento, 1987. 313 p.
- SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Florianópolis: Bernúncia, 2010. 192p.
- SUMA etnológica brasileira. Petrópolis: Vozes, 1986. 7 v.
- THOMPSON, James David. **As ciências do comportamento: uma interpretação**. São Paulo: Atlas, 1975. 222 p.
- VIEIRA FERREIRA, Fernando Luis. **Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina**. 2 ed. Orleans: Gráfica do Lelo Ltda, 2001. 102 p.
- Tradução música "*Mérica Mérica*". Disponível em: <<http://letras.mus.br/folclore-italiano/182024/traducao.html>>. Acessado em: 01/10/2013.